

# O TEMPO DA CRIAÇÃO

## O Cântico das Criaturas

### Introdução e enquadramento

Falar de ‘tempo’, e ainda mais ligando este conceito ao de ‘criação’, significa correr o risco de confinar este binómio à nossa mentalidade que sempre pressupõe que existe um ‘quando’ (ou seja, um tempo) que demarca o acontecer e o existir. Assim o pensamos nós, e assim sucede nas mitologias criacionistas ou na estruturação racional dos nossos conceitos. Efetivamente, o conceito mítico de criação que consiste num ‘fazer mecânico’ de algo continua a marcar a nossa racionalidade que dificilmente se autonomiza da mecânica do ‘fazer e do tempo’. Por isso, mesmo saindo da lógica do mito, também podemos correr o risco de amarrar este ‘tempo da criação’ a uma época, a uma cultura ou a uma identidade religiosa ou a uma qualquer forma de pensar. Importa, por isso, olhar para o ‘Tempo da criação’ sem nos atermos ao quando, deixando-nos, em vez disso, envolver pela novidade maravilhosa da ‘fonte da vida’ que, presente em tudo, nesse tudo se faz testemunha deste insondável mistério de amor a que damos o nome de ‘criação’.

De facto, sucede que no pensamento e na cultura bíblica não existe uma ‘categoria’ que possamos designar como ‘tempo’, em suporte abstrato. O tempo é sempre algo concreto, algo que está preenchido e se faz realidade e presença na percepção dos humanos, ou seja, o tempo traduz-se e expressa-se em realidades concretas e são estas que dão medida e tempo a este ‘quando’ sem tempo, dão durabilidade sem com isso se reduzirem a uma dimensão meteorológica dos acontecimentos tal como eles se são sentidos ou simplesmente narrados.

No quadro da teologia bíblica há três grandes designações para nos referenciar àquilo que podemos classificar de categorias temporais, já também expressas na própria gramática hebraica no que às formas verbais diz respeito:

.O passado – origem, protologia – o *πρωτος*. Daqui decorre o conceito de protologia, de génesis, ou seja, de origem e fonte;

.O presente – o que se sente e pressente na sensibilidade e que se vive em relação. É o *καιρος* - a graça do viver e do sentir na relação com a natureza, com os outros e com Deus;

.O futuro – o fim, meta para onde se caminha – o *εσκατον*, ou seja, a esperança da caminhada. Nestas três dimensões enquadra-se toda a história e toda a relação, tanto na sua génese como na sua meta.

É neste contexto que podemos falar de criação, embora devemos ser cautelosos em relacionar isso com um tempo pré-determinado. Não faz sentido contabilizar ou atribuir um tempo à criação, já que esta não tem tempo; ela é apenas uma categoria de relação que a Escritura traduz em referência ao absoluto de Deus. A criação é um ato contínuo que se desdobra em manifestações sensíveis e, por isso mesmo, ela não tem tempo, porque o seu acontecer está sempre presente.

### **1. Alguns ecos da Escritura:**

Para além dos dois textos, pretensamente chamados como ‘narrativas da criação’ (em Gn1 e Gn 2), as outras passagens em que esta temática é afluída não comportam qualquer tipo de descrição ou de narrativa processual sobre a criação. Os autores bíblicos como que ficam entorpecidos perante a obra que contemplam, já que o mistério que os envolve ultrapassa todos os códigos descritivos do processo humano do ‘fazer’ ou do reproduzir. O homem bíblico pressente que a criação antecede o seu próprio processo de compreensão e, mais ainda, de descrição. Por isso, sempre se fala da criação como sendo um ‘princípio’, uma génesis, uma origem. Metaforicamente falando, a Escritura nunca fala de tempo, mas apenas de ‘ordem’ ou, então, referencia-se àquilo que é a atitude do homem: ver e contemplar. Ora contemplar é uma categoria sem tempo, fora do tempo, já que é uma categoria do coração que não pode ser medida nem quantificada. É assim que os textos que louvam a ação criadora de Deus nos expressam essa dimensão. Temos isso já em Gn 1, numa sequência organizada por critérios de experiência e de sensibilidade e não em termos de tempo, fixando a criação numa sequência de ‘semana’ que é na Bíblia uma categoria religiosa e teológica e não cronológica. Podemos dizer que a sequência semanal é apenas e só um recurso pedagógico que acaba, afinal, por pretender realçar uma sequência religiosa de relação. É igualmente assim com o Sl 8 que, ao realçar o poder e a majestade do Deus criador, convida o crente a maravilhar-se com a obra criada, não a medi-la nem a fazer qualquer contabilidade a respeito dela. A obra é apenas e só a expressão da ‘fonte’ donde provém, do ‘*protos*’ de onde dimana. E também aqui, como em Gn 1, isso é feito de uma forma totalizante, abarcando todos os níveis da sensibilidade humana de acordo com a antropologia e a cosmologia (cosmovisão) da cultura hebraica.

O mesmo sucede com o texto da apocalíptica, designadamente com o Apocalipse de S. João, na síntese final da Escritura (do NT), quando a plenitude da criação já não se apresenta como algo a contemplar, mas sim como uma totalidade cristológica a viver: esta é a ‘nova Jerusalém’. Aqui, já não necessitamos de uma narrativa descritiva nem tão pouco sequencial. O texto é uma plenitude de sentido que pretende mostrar como essa plenitude tem a marca de Deus, tal como sucede na criação e abre esta criação para a totalidade de Deus. Assim, pela escatologia (o *eschaton*), a plenitude faz-se a partir de Deus e não do homem, de ‘cima para baixo’ e não de ‘baixo para cima’. A plenitude vem sempre de Deus

que está na sua génese e no seu termo, que é, como diz a liturgia pascal, *Alfa e Omega*. Tudo é marcado pela *Palavra*; no início temos: ‘*disse e foi criado*’ (a *Palavra*, ou seja, o *dizer* de Deus – *Dabar*). No fim, é também pela *Palavra*, pelo *λογος* que se faz centralidade de toda a criação. Como ato contínuo e pleno, não há um antes nem um depois da criação. É a criação por si que cria e nela se encerra toda a plenitude, mesmo que cada um de nós a veja e a sinta na sua própria temporalidade.

## 2. A criação no ‘Cântico das criaturas’

O ‘Cântico das criaturas’ é a expressão maior da comunhão franciscana entre Deus e o homem, sendo a expressão suprema de uma relação de amor entre Deus e Francisco. É difícil contextualizar o ‘Cântico das criaturas’, pensando alguns estudiosos do franciscanismo que o mesmo tem o seu ‘habitat’ nos meios pietistas judeo-cristãos presentes em alguns ambientes e correntes místicas da Idade Média. Efetivamente, o texto respira laivos de intuições dos ambientes dos *Hassidim* que não se diluíram na diáspora judaica como um todo, havendo grupos que mantiveram ao longo do tempo a sua identidade e as tonalidades da sua espiritualidade. Francisco poderá ter tido contactos com tais movimentos e partilhado, neste novo ressurgimento, desses ambientes espirituais, deixando aqui, como em muito outros textos e marcas de vida, sinais dessa partilha que vão conferir à sua ‘fraternidade’ uma identidade de pensamento e de sensibilidade muito próprias. O centro do franciscanismo está bem demarcado por uma espiritualidade de simplicidade e de encantamento de cujos traços brotam a ‘*menoridade*’ e a ‘*fraternidade*’ pela natureza e pelo universo. Esta forma englobante como Francisco incorpora tudo no seu poema tem, de facto, traços bíblicos que perpassam igualmente os ambientes do judaísmo místico que se desenvolver intensamente entre grupos medievais. As marcas do *Hassidismo* apresentam-se da mesma forma e com os mesmos traços. Já assim sucedia no período intertestamentário, de onde resultam textos (cânticos) que têm em si os mesmos traços e a mesma espiritualidade: *Magnificat*, *Benedictus* e outros.

### 1.1 O texto do Cântico de Francisco

A sensibilidade bíblica percorre todo o texto do Cântico e manifesta-se naquilo que podemos designar como ‘globalidade’ que abarca toda a natureza e como ‘oposição’ que mais não é do que complementaridade: sol e lua, vida e morte, etc. Além disso, o texto tem toda uma marca pessoal, muito intimista que reforça, em várias das suas passagens, essa dimensão singular. Podemos destacar alguns desses traços. Vejamos:

.A invocação apelativa ‘meu Senhor’ que singulariza o texto e lhe confere uma personificação muito próxima entre o autor do Cântico e Deus, apresenta-se como única na lírica cristã. Além de única, ela é uma espécie

de refrão (“Meu Senhor...”), o que mostra como Francisco se situa na sua relação com Deus. Habitamo-nos a falar de Deus no plural: o nosso Deus; referir sempre os modos de Deus no plural’. Aqui, tudo emerge no singular, reforçando a relação pessoal, personalística que se estabelece entre o autor e Deus. Não se trata de um poema impessoal, anónimo ou em busca de identidade; este texto está bem identificado pela sua autoria e pela sua intencionalidade. Não é um poema que descreve; antes, é um texto expressa uma relação.

.A unidade entre o começo (o *protos* – a criação) e o fim (a meta – a irmã morte), mostra-nos que estes dois ‘polos’ convergem na mesma unidade e emprestam à vida uma totalidade que tudo abarca e para a qual tudo converge. Assim, aquilo que é fonte é também meta, a origem de onde tudo dimana é também o centro e a meta para onde tudo converge.

.A unidade que se constrói na Fraternidade e a Fraternidade que nasce dessa unidade na mesma fonte que é Deus. Para Francisco, a ‘fraternidade não é uma construção, mas antes uma identidade; não resulta de um processo de ‘amadurecimento’, mas sim uma identidade que se recebe no batismo e se assume de forma ativa na vivência quotidiana. Neste sentido, a ‘fraternidade’ é para Francisco algo que se respira e nos envolve, alargando-se a todas as demais criaturas, porque provêm do mesmo Criador e é por Ele que todas as obras se fazem ‘irmãs’ e, ao mesmo tempo, todas elas (as criaturas) trazem em si o selo do Criador e partilham da mesma contingência dos seres criados.

### **3. A vida e a morte, expressões da mesma identidade fraterna**

Cantar a ‘vida e a morte’ como ‘irmãs’ foi certamente o maior contributo que Francisco emprestou à humanidade, partindo aliás de uma época tão marcada por contrastes e medos, por ruturas e dicotomias. Ao fazê-lo, o Santo de Assis não se está a servir de uma estratégia nem a pensar em qualquer propaganda, mesmo que de promoção pastoral se tratasse. A intuição de Francisco, e é disso que se trata, antecede toda e qualquer estratégia e não tem como objetivo dar uma identidade à sua ‘Família Religiosa’, mesmo que esta venha a adotar essa marca identitária.

Para Francisco, a ‘fraternidade’ nasce de Deus e para Ele converge e tem a sua expressão suprema e plena nos momentos que configuram a nossa proximidade e comunhão com Deus. Ora, esses momentos são a origem (*protos*) e a meta (o *eschaton*). Não estamos perante um processo de ‘fusão’ panteísta nem de assimilação físico-espiritual. Pelo contrário, como o Santo o deixa bem marcado no último verso do seu poema, ‘vida e morte’ são duas realidades irmãs que nos

fazem confraternizar com a plenitude Deus que marca a nossa origem e para a qual converge a nossa caminhada redimida.

Importa também ter presente que estes dois momentos ou realidades (referências temporais) não são aqui propostas como oposições, como sucede em Isaías, no seu célebre poema messiânico, em 11,6-9. Aqui (em Isaías), estamos perante um conjunto de oposições que marcam e definem identidades no tempo, processo de aproximação e formas de vida. Para Francisco, não é questão de oposições, mesmo que isso assim seja visto e tido nos comportamentos sociais. Pelo contrário, o Santo de Assis canta e celebra a vida em si e não apenas as suas expressões na natureza. É a vida que é celebrada, numa perfeita harmonia de louvor e agradecimentos, uma espécie de sinfonia de ‘hossanas’ que traduzem a grandeza do mistério da vida e da natureza nas suas múltiplas formas concretas. Não estamos em presença de uma narrativa histórica, como sucede com o Sl 136, onde se faz uma espécie de avaliação da ação de Deus em prol do Seu povo. Pelo contrário, a lírica de Francisco é de louvor e de encantamento em que tudo é referenciado a Deus e só a Ele e, por isso mesmo, tudo se faz expressão da sua glória e da Sua ternura para com o Homem.

Podemos dizer que o poema de Francisco não canta, em si, as coisas criadas, nem tão pouco o quando (o tempo) da sua criação. Ele canta e celebra o ato criador que nasce do coração de Deus, sempre designado como um *barah* (criar), mas nunca como um *‘asah* (fazer), já que para ele isso é a expressão da infinita bondade do Criador. Por isso mesmo, em Francisco o tempo da criação é o tempo da nossa comunhão com Deus que é mediada pelas obras que são as suas criaturas, todas elas nesta esplendorosa harmonia universal na qual todos nós participamos.

#### **4. Ler o ‘Cântico’ num registo de atualidade**

Ler o ‘Cântico das Criaturas’ e celebrar o ‘Tempo da Criação’ num contexto social e comunitário, como é este que estamos a viver, constitui mais um forte impulso para regressar ao espírito de Assis e sentir como o ‘novo normal’ nos interpela para uma nova conversão que encontra a sua razão de ser na beleza e nas maravilhas insondáveis da criação que nos envolve. Creio bem que, numa situação como a que hoje vivemos, tão marcada por medos e fugas, sujeita a recusas e ostracismos, voltar ao ‘Cântico das criaturas’ é renascer e reencontrar a nossa centralidade fraterna, evitando desequilíbrios que nos são propostos, pois só numa fraternidade aberta e universal temos espaço para viver uma relação de comunhão. Para além da urgente redescoberta de uma relação ecológica de comunhão, o ‘Cântico das criaturas’ propõe-nos um reencontro com a totalidade da vida que só em Deus (‘Meu Senhor...’) se faz plenitude para cada um de nós.

Fr. João Lourenço

(24.08.2020)